

CAMADAS DE TEMPO E HISTÓRIA NA ARQUITETURA DA CIDADE DE PELOTAS: UMA PROPOSTA DECOLONIAL

Iago Marafina de Oliveira¹; José Ricardo Kreutz²;

¹Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - iagomarafinadeoliveira@gmail.com

²Professor doutor do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - jrkreutz@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O trabalho aqui apresentado faz parte do grupo de pesquisa intitulado TELURICA - Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções em Coexistências Autorais. O TELURICA é um grupo de pesquisa que produziu um projeto guarda-chuva intitulado “Problematizações Limiares Psicossociais no Ensino, Pesquisa e Extensão da Psicologia e áreas afins na UFPel”. Este projeto prioriza por convergir as inquietudes de graduandos em suas práticas de ensino e extensão, propondo investigações e in(ter)venções em limiares urbanos e rurais. É então a partir da abertura deste espaço que as afetações pediram passagem do corpo ao ato, rumando a construção de um projeto de pesquisa sobre durações coloniais na cidade de Pelotas - Rio Grande do Sul a partir da perspectiva decolonial.

Em muitos momentos as problemáticas daqui se parecerem significativamente com as problemáticas encontradas em variadas cidades latino-americanas e, em outros momentos, elas se diferenciam por suas especificidades. A análise dessas especificidades pode sinalizar a existência de muitos processos que foram e são visibilizados desde o período de colonização da cidade e que, como este estudo pretende enunciar, acabaram por invisibilizar processos-outros de resistência tanto ao colonialismo na Modernidade como a colonialidade na contemporaneidade. É importante ressaltar que a história colonial a qual aqui nos referimos é a história hegemônica, dita e óbvia, visibilizada a partir das ideologias desenvolvimentistas eurocêntricas desde a Modernidade e seu projeto de colonização do mundo, criando um “sistema-mundo europeo/euro-norteamericano capitalista/patriarcal moderno/colonial” que não acabou com a descolonização da América Latina e que ainda reverbera no contemporâneo através da colonialidade do poder, saber e ser (Grosfoguel, 2005). Assim, partimos do pressuposto que

en primer lugar, al no compartir el mismo tiempo histórico y vivir en diferentes espacios geográficos, el destino de cada región es concebido como no relacionado con ningún otro. En segundo lugar, Europa/Euro-norteamérica son pensadas como viviendo una etapa de desarrollo (cognitivo, tecnológico y social) más ‘avanzada’ que el resto del mundo, con lo cual surge la idea de superioridad de la forma

de vida occidental sobre todas las demás. (GÓMEZ; GROSFOGUEL, p. 15, 2007)

2. METODOLOGIA

A pesquisa se apoia em uma metodologia cartográfica, pois assim como GROSFOGUEL (2005) chama atenção para a urgência da decolonização do sistema-mundo euro-norte americano capitalista-patriarcal moderno-colonial, ROLNIK (1989) fala sobre como a cartografia de paisagens psicossociais possibilita a desconstrução de certos mundos e construção de outros mundos possíveis.

O cronograma desta pesquisa ainda prevê a realização de procedimentos metodológicos de análise documental por registros históricos sobre Pelotas, sendo esta uma inesgotável fonte de informações relevantes para a discussão aqui proposta. Neste sentido, a articulação com o diário de campo composto pelos afetos e percepções do pesquisador-cartógrafo em campo também se faz essencial como procedimento metodológico de pesquisa.

A pesquisa também se articula à pesquisa-intervenção na medida em que impõe uma transformação do sujeito-pesquisador e do objeto a ser pesquisado. Essa dupla transformação implicada se torna, portanto, o campo de experiência da pesquisa na tentativa de compreender a complexidade dos processos dos quais se insere. Assim, para PAULSON e ROMAGNOLI (2010, p. 92), a pesquisa-intervenção sustenta os planos de análise que compõe uma realidade, bem como as forças que atravessam “pesquisadores, nossos objetos de estudos, as instituições, o campo do social, os quais são percorridos, transversalizados por forças de produção, reprodução e anti-produção, moleculares e molares.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro achado de pesquisa pode ser um bom exemplo para nos atermos neste momento, enunciando exatamente a presença deste pensamento colonial e hegemônico em Pelotas descrito a partir da Encyclopédia dos Municípios Brasileiros pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1959, v.34). De forma resumida o texto começa contextualizando uma disputa entre espanhóis e portugueses por terras onde hoje se situa o Uruguai em 1736, os colocando como guerreiros e conquistadores. Nesta ocasião, portugueses acabaram por fortalecer o Rio Grande, criando uma região de amplo gado e agricultura, implicando diretamente em um grande crescimento econômico da região no surgimento das primeiras estâncias. Em 1758 as terras onde hoje se situa Pelotas foram doadas ao Coronel Luiz Thomaz Osório, sendo ele o primeiro dono até a sua morte em 1768. Em 1779 a viúva Francisca Joaquina de Almeida Castelo Branco vende as terras ao casal Isabel Francisca da Silva e Manoel Bento Rocha, capitão-mor e somente em 1812, após a morte de Isabel Francisca é que as terras são homologadas e divididas entre estâncias Patrimônio-Graça-Galatea e Laranjal. Antes disso, em 1780, José Pinto Martins já havia fundado a primeira charqueada à margem direita do Arroio Pelotas. A partir de 1813 os moradores do Arroio Pelotas e do Laranjal convergiram para o ponto onde se situa a cidade atualmente. Ali, edificaram a freguesia, elevada à vila em 1830. Em 1832, o território é desmembrado do município de Rio Grande e, em 1835, obtém a categoria de cidade. É necessário

neste ponto que pensemos, ainda, em algo que diz muito sobre a cidade: seu próprio nome. Para o Vocabulário Sul-Riograndense (1898), ele deriva de “Pelota”, pequenas embarcações de couro usadas para a travessia dos arroios originalmente pelos nativos da região. Elas eram usadas, em geral, para acomodação de roupas, arreios e pessoas, rebocadas por um indivíduo a nado.

IBGE e Vocabulário Sul-Riograndense foram os dois resultados aqui utilizados do primeiro momento de investigação da pesquisa pois contam uma história hegemônica da cidade na esfera do dito, do óbvio e, sobretudo, de colonialismo. Textos desse caráter são relevantes na contextualização desta pesquisa pois evidenciam a presença de um pensamento colonial que invisibiliza processos-outros e as forças de resistência que nele existiram como, por exemplo, a citação do crescimento econômico das charqueadas sem falar no trabalho do povo negro escravizado e da “Pelota” para a travessia dos arroios sem falar que houve uma apropriação deste saber nativo pelos colonizadores. Além de serem pontos de partida do dito rumo ao não-dito, eles começam a produzir afetações, questões, problemáticas e reflexões que nos ajudam a avançar na discussão e de forma alguma a fechar ou concluir a mesma. Quais as implicações deste passado que se inclina sobre o presente? Quais são as historiografias-outras que visibilizam processos de resistência? Quais caminhos possíveis para a decolonização das durações? Quais são as durações coloniais existentes a partir das matérias de expressão entranhadas nas edificações do Centro Histórico de Pelotas, das charqueadas e outros espaços históricos sua relação com as pessoas e as durações outras que afirmam processo de decolonização?

Se faz necessário ainda discorrer brevemente sobre o conceito-chave de duração aqui utilizado. Em Bergson (1964), a duração é o passado que se inclina sobre o presente, crescendo, se conservando e roendo o futuro incessantemente. É importante evidenciar que Henri Bergson, homem-branco-europeu, pode facilmente exercer o papel do colonizador, sendo este um dos motivos pelo qual ele é uma das referências trabalhadas. É que o decolonialismo de forma alguma se fecha em si, pelo contrário, se propõe a estudar e fazer a crítica dos processos já citados muitas vezes a partir de referências europeias e, se fizesse o contrário, então estaria reproduzindo um projeto no qual não acredita, ou seja, a colonialidade. Grosfoguel (2007) ainda nos dá uma pista que nos ajudará a continuar este trabalho investigativo e de in(ter)venção, segundo ele é preciso mapear novos conceitos e uma nova linguagem fora dos nossos conhecimentos e paradigmas ocidentais, comportando a complexidade das diversidades de raça, gênero, classe, espiritualidade e conhecimento integrados aos processos geopolíticos, geoculturais e geoeconômicos do sistema-mundo porque “la cultura está siempre entrelazada a (y no derivada de) los procesos de la economía-política” (GÓMEZ, Castro, 2007, p. 16).

4. CONCLUSÕES

Sugiro que por fim ilustremos a proposta através da narrativa de outras durações de resistência que coexistem à grande duração do colonialismo interno em um recente acontecimento, fruto de um daqueles acasos que o tempo produz. Nas dependências da antiga charqueada São João, na gruta do santo que dá nome a esta charqueada e que hoje é utilizada como ponto turístico da cidade, em uma

limpeza com um jato de água de pressão, uma das conchas que ornamentavam a gruta soltou-se e desvelou orixás escondidos atrás das conchas. É importante lembrar que esta gruta foi construída pelos escravizados negros. Certamente se evidencia aí uma narrativa radicalmente diferente da colonial. Desvela-se uma nova camada de história que põe em questão a religiosidade e a relação com o divino presente nestes monumentos. Assim como essa evidência, a qual já é pública, há uma aposta que esta pesquisa pode fazer emergir muitas outras camadas de história, outras durações que hoje são minoradas e ainda assim forjam as subjetivações das pessoas que ainda hoje vivem na cidade.

Como vimos, a cartografia a ser realizada contará sobre os processos de duração e colonialidade do poder, saber e ser que se inclinam sobre o presente na cidade, especificamente no recorte de uma rua, um prédio e uma praça no Centro Histórico de Pelotas. Passado este momento, será preciso investigar os movimentos de resistência que “confrontan los legados y las relaciones del colonialismo interno” (WALSH, 2007, 49) a qual Rivera Cusicanqui (1993) retoma o conceito de duração, o chamando de grande duração do colonialismo. Não será proposto uma volta ao pré-colonialismo, mas a resistirmos a partir disto na contemporaneidade, a cartografarmos modos-outros de vida a partir deste lugar em Pelotas, articulados a conceitos chave das Teorias Decoloniais e da Psicologia Social Contemporânea.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. Rio de Janeiro, Ed. Delta: 1964.

CASTRO-GOMÉZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA, CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, v.34.

CORREA, Romanguera. **Vocabulário Sul Rio Grandense**. Porto Alegre: Echenique & Irmão, 1898.

PAULON, Simone Mainiere; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. Rio de Janeiro: **Rev. Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 85-102, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989